

Entre Números e Raízes culturais: Uma Crônica sobre a Matemática que se Recusa a Ser Cativa.

Ezequias Cassela.

Cita:

Ezequias Cassela (2025). *Entre Números e Raízes culturais: Uma Crônica sobre a Matemática que se Recusa a Ser Cativa*. e-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis, 2025, 1-5.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/ezequias.cassela/24>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pdg6/7em>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Entre Números e Raízes culturais: Uma Crônica sobre a Matemática que se Recusa a Ser Cativa

Ezequias Adolfo Domingas Cassela

Cuito, Bié - Angola

ezequiasadolfo@hotmail.com

Doutorado em Educação Matemática

Escola Superior Pedagógica do Bié

<https://orcid.org/0000-0001-7703-0097>

Da insubordinação ante as imposições da Matemática acadêmica à Etnomatemática

Desde cedo, aprendi que a Matemática não era apenas uma disciplina escolar. Era um “campo de batalha”. Os números, postos em fileiras como soldados obedientes, marchavam sob a ordem inflexível de axiomas inquestionáveis. As equações, rígidas como decretos, impunham sua lógica fria e insensível. E os que se dobravam a esse regime eram aclamados como inteligentes, enquanto os que ousavam questionar eram relegados à insignificância. Mas eu não queria ser apenas mais um soldado nesse exército do pensamento único. Queria ver além das fórmulas, sentir a Matemática vibrando nas tramas invisíveis da cultura, nas palmas ritmadas de uma dança tradicional, nos padrões simétricos dos tecidos tingidos à mão. Eu queria uma Matemática que falasse a língua do meu povo, que se curvasse às curvas da história e não apenas às retas intransigentes da academia.

Quando escolhi estudar Matemática e Física no ensino médio, ainda alimentava a ilusão de que encontraria espaço para a criatividade, para um pensamento que dialogasse com minha identidade. Mas o que encontrei foi um sistema padronizado, um currículo sem rosto, moldado por mãos estrangeiras que pouco se importavam com a terra onde ele seria plantado. Meu desejo de entender a Matemática como uma produção humana chocou-se contra muros erguidos por definições pétreas e demonstrações mecânicas. E então veio o questionamento: *de que serviam aquelas fórmulas todas se não faziam eco em nossas vidas? Se não respondiam às inquietações do nosso povo?* Os professores, com seus olhares de censura velada, jamais admitiam essa pergunta. A Matemática, diziam eles, é universal, e questioná-la era um sacrilégio. Mas que universalidade era essa que ignorava o saber ancestral dos nossos mais velhos? Que apagava qualquer vestígio de pensamento que não estivesse embebido na tradição ocidental?

Recusei-me a aceitar essa rendição intelectual. Quando comecei a lecionar a Geometria Analítica em 2011, na condição de monitor na Escola Superior Pedagógica do Bié, tentei, de maneira tímida, romper as algemas desse pensamento unitário. Busquei formas de conectar a Matemática ao cotidiano dos alunos, de fazer com que as fórmulas emergissem não de um livro distante, mas da realidade que nos cercava. Meu esforço foi saudado pelos alunos, mas a academia, com seus códigos e rigores, não tardou a me fazer sentir o peso de sua resistência. Eu era apenas um monitor, um jovem que ainda não possuía o escudo teórico necessário para defender sua insurgência. A solução que me ofereceram? Mandar-me para Portugal. Lá, disseram, eu me fortaleceria, me tornaria um matemático mais sólido, mais respeitável. Mas no fundo, o que queriam era que eu me dobrasse, que me rendesse às doutrinas hegemônicas e retornasse domesticado, pronto para perpetuar o ciclo.

O que não sabiam é que a insubordinação já estava entranhada em meu pensamento. Minha matemática não será cúmplice de um conhecimento que nos aliena de nossa própria cultura. Não aceitarei mais repetir, como um eco servil, as vozes que nos ensinam a olhar para nós mesmos como inferiores. Meu compromisso é com a rebeldia do saber, com a subversão do pensamento único. E enquanto a Matemática insistia em se apresentar como um império impenetrável, em 2018 escolhi abraçar a dimensão epistemológica que pulsava da dimensão política da Etnomatemática do educador brasileiro Ubiratan D'Ambrosio e que colocava em suspeição tal universalização da Matemática há muito aclamada pela academia.

Assim, escolhi a Etnomatemática para fazer dela um grito de resistência, uma insubordinação criativa diante de um sistema que tenta enjaular a minha voz e a minha história. A escolhi para desafiar as fronteiras que me foram impostas, para dismantelar os muros construídos por uma epistemologia colonizadora que tenta silenciar a sabedoria ancestral dos meus antepassados. A escolhi para reconstruir e afirmar o meu "eu" em um espaço onde sou constantemente subestimado e desqualificado. Escolhi a Etnomatemática porque ela promove a emancipação da minha cultura nos espaços curriculares como lugares políticos e de disputas, mostrando que independentemente das tentativas de apagamentos, ela persiste, cresce e se reafirma a cada palavra. A escolhi para devolver a dignidade aos saberes que o império tentou minimizar, para trazer à tona uma epistemologia que é rica, multifacetada e profundamente enraizada no chão do meu povo. Cada linha que eu traço é uma afirmação da minha autonomia,

um protesto contra a imposição de uma lógica que não me representa, que não reflete as realidades do meu contexto.

Escolhi a Etnomatemática porque não é apenas um estudo acadêmico. É a valorização do saber popular, do conhecimento que nasce nas interações com a terra, com os astros e com as outras pessoas. Ao longo da história, a matemática ocidental tentou se colocar como a única legítima, aquela que conta com a objetividade dos números. Mas, foi nas práticas socioculturais do meu povo, que por meio da Etnomatemática aprendi que outras formas de matemática, igualmente válidas e precisas, seguem fluindo no cotidiano de diversas culturas, sem que precisem ser validadas por exames formais ou teorias rígidas.

Fecho

A jornada entre números e raízes culturais revelou-me a Etnomatemática e com ela aprendi que a Matemática, longe de ser um domínio rígido e universal, é um campo de múltiplas possibilidades, profundamente enraizado nas vivências e histórias dos povos. A imposição de um único modelo de conhecimento matemático ignora a riqueza das diversas formas de pensar, contar, medir e organizar o mundo. A Etnomatemática, nesse contexto, não é apenas uma alternativa pedagógica, mas um ato de resistência, uma afirmação da pluralidade epistemológica que valoriza os saberes ancestrais.

Ao desafiar o pensamento único e reivindicar uma Matemática que dialogue com a identidade cultural dos estudantes, abrimos caminhos para um ensino mais inclusivo, significativo e libertador. Não se trata de negar os avanços da Matemática acadêmica, mas de reconhecer que o conhecimento não deve ser uma prisão conceitual, e sim um espaço de encontro entre diferentes formas de compreender a realidade.

Portanto, seguir questionando, desafiando e reconstruindo é um compromisso inadiável. A Etnomatemática me ajuda a olhar para uma matemática que não impõe, mas a que liberta. Não é a que silencia, mas a que oportuniza espaços de possibilidades onde a voz das minorias possa ser reconhecida. Que este texto sirva como um convite à reflexão e à ação, para que possamos construir um ensino matemático mais democrático, diverso e enraizado na riqueza cultural de cada povo.

Entre Números e Raízes culturais: Uma Crônica sobre a Matemática que se Recusa a Ser Cativa

Between Numbers and Cultural Roots: A Chronicle of Mathematics That Refuses to Be Constrained

Entre Números y Raíces Culturales: Una Crónica sobre las Matemáticas que se Niegan a Ser Cautivas

Resumo

A crônica reflete sobre a experiência do autor com a Matemática, desde a escola até a vida acadêmica, evidenciando como ela tem sido tratada como um campo de pensamento rígido e padronizado, ignorando saberes ancestrais e desconsiderando a identidade cultural dos estudantes. Diante desse cenário, o autor busca questionar a hegemonia da matemática ocidental e propõe a Etnomatemática como uma alternativa para um ensino mais inclusivo e culturalmente significativo. Assim, a crônica levanta a questão: *como a Etnomatemática pode contribuir para transformar o ensino de Matemática, tornando-o mais conectado às realidades socioculturais dos alunos e valorizando diferentes formas de conhecimento?*

Palavras-chave: Etnomatemática. Identidade Cultural. Resistência Epistemológica. Ensino de Matemática. Saberes socioculturais.

Abstract

The chronicle reflects on the author's experience with Mathematics, from school to academic life, highlighting how it has been treated as a rigid and standardized field of thought, disregarding ancestral knowledge and neglecting students' cultural identities. In response to this scenario, the author seeks to question the hegemony of Western mathematics and proposes Ethnomathematics as an alternative for a more inclusive and culturally meaningful education. Thus, the chronicle raises the question: how can Ethnomathematics contribute to transforming Mathematics education, making it more connected to students' sociocultural realities and valuing diverse forms of knowledge?

Keywords: Ethnomathematics. Cultural Identity. Epistemological Resistance. Mathematics Education. Sociocultural Knowledge.

Resumen

La crónica reflexiona sobre la experiencia del autor con las Matemáticas, desde la escuela hasta la vida académica, destacando cómo han sido tratadas como un campo de pensamiento rígido y estandarizado, ignorando los saberes ancestrales y desconsiderando la identidad cultural de los estudiantes. Ante este escenario, el autor busca cuestionar la hegemonía de las matemáticas occidentales y propone la Etnomatemática como una alternativa para una enseñanza más inclusiva y culturalmente significativa. Así, la crónica plantea la cuestión: ¿cómo puede la Etnomatemática contribuir a transformar la enseñanza de las Matemáticas, haciéndola más conectada con las realidades socioculturales de los estudiantes y valorizando diferentes formas de conocimiento?

Palabras clave: Etnomatemática. Identidad Cultural. Resistencia Epistemológica. Enseñanza de las Matemáticas. Saberes Socioculturales.